

## **Comunistas e movimento operário no bairro do Jacaré – RJ (1950-1990)**

Cristiane Muniz Thiago<sup>1</sup>

### **Introdução**

O presente trabalho tem como tema a memória dos ex-trabalhadores comunistas do complexo industrial do bairro do Jacaré, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, buscando identificar e analisar a atuação desses ex-trabalhadores no movimento operário e comunitário bem como sua situação face à falência da maioria das indústrias na década de 1990, quando cerca de 40 mil trabalhadores perderam seus empregos. Para se entender os processos ocorridos no bairro do Jacaré, torna-se imprescindível considerarmos a comunidade do Jacarezinho que, de acordo com dados do IBGE de 2000, possui cerca de 36.459 moradores, enquanto o bairro do Jacaré possui por volta de 7.392 moradores. Além disso, a maior parte da mão-de-obra do complexo industrial do Jacaré é moradora da comunidade do Jacarezinho. Até 1992, data da criação do bairro do Jacarezinho, a comunidade era identificada como uma favela que fazia parte do bairro do Jacaré.

O complexo industrial do Jacaré ocupava cerca de 15 ruas do bairro e tinha uma enorme diversidade na sua produção. Era possível encontrarmos ali indústrias de sapatos e bolsas, de materiais farmacêuticos, de vidros, de roupas, metalúrgicas, fábricas de café etc. Nas ruas do complexo, e na principal rua do bairro (rua Nilo Teixeira), diversas cantinas serviam aos trabalhadores das fábricas, e uma rede de comércio era alimentada pela economia gerada na produção industrial.

De acordo com os entrevistados diversos grupos estavam presente na vida política-sindical e comunitária do bairro. Podemos citar, de acordo com os entrevistados, a participação do Partido Comunista Brasileiro (PCB), do Partido Comunista do Brasil (PC do B), de grupos Trotskistas, da Ala Vermelha, da Frente Operária, do Movimento de

Emancipação do Proletariado (MEP), do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR8) e do Partido dos Trabalhadores (PT) já na década de 1980.

O Jacaré representava um espaço importante para os grupos políticos, conjugando um grande potencial de movimento operário, por conta de seu parque industrial, e o movimento comunitário existente no Jacarezinho.

Pressupondo que a participação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) seja algo relevante na memória operária brasileira em geral e dos trabalhadores aqui estudados elegemos esse grupo como objeto principal da pesquisa.

Para a análise dos processos ocorridos no bairro do Jacaré, utilizamos a metodologia da história oral, bem como o levantamento e a análise de fontes documentais, sobre os trabalhadores e as empresas, relacionadas com o contexto histórico em questão.

De acordo com a metodologia de trabalho adotada para preservar os entrevistados optou-se por não expor a identidade dos mesmos, dando-lhes nomes fictícios. Foram realizadas três entrevistas com militantes ex-comunistas além de outras entrevistas realizadas com ex-operários de outros grupos políticos.

## **Memória e Espaço**

“... devemos examinar os contextos em que as vidas operárias são vividas. Isso significa visualizar tempo e espaço não como pano de fundo da análise histórica, mas, fundamentalmente como parte intrínseca do próprio processo de mudança histórica”<sup>2</sup>.

Ao consideramos o espaço como parte fundamental da análise histórica temos que destacar sua importância na construção das redes de sociabilidade articulando diferentes atores e movimentos na mesma direção. Para além da fábrica, o bairro se torna um importante ambiente que amplia e consolida as relações entre os operários. A identidade

desse grupo é assegurada não apenas por sua formação de classe, tendo a identificação com o bairro com um importante paralelo. Nesse sentido, os comunistas tentam conciliar “as pressões oriundas da vida institucional e aquelas nascidas da base operária”<sup>3</sup>. Essa estratégia inclui uma forte preocupação com o espaço de moradia discutido dentro do movimento comunitário. O movimento comunitário se torna relevante para a pesquisa, pois está diretamente vinculado à participação nos partidos, grupos políticos e nos sindicatos, logo, estando presente na memória operária, tema principal da pesquisa.

Para alguns grupos a participação no movimento comunitário era destacada, sobretudo por sua importância política:

“A razão da nossa participação no movimento comunitário não era nem pelo comunitário, era pelo político, todo mundo aqui pertencia ao partido... e a razão da gente participar do movimento comunitário é exatamente porque a gente tinha uma consciência diferente dos moradores e pensamos que tínhamos que organizar os moradores para organizar uma sociedade nova”<sup>4</sup>.

A narrativa acima é de um morador do Jacarezinho desde a década de 1950 e ex-trabalhador de indústrias no bairro. Ele entrou para o PCB em 1956, passando a organizar o movimento de base dentro das fábricas em que trabalhou. Seu trabalho também se estendia à participação no movimento comunitário. O PCB, assim como outros grupos políticos e os sindicatos era um ponto de convergência entre o bairro e a fábrica, unindo operários e comunidade em torno de uma melhor qualidade de vida. Segundo outro entrevistado:

“Eu fui trabalhar numa fábrica de sapatos e uns amigos que eram comunistas me chamaram para participar do sindicato... eu achei aquilo lindo porque lá era uma escravidão, lá os latifundiários fazia o pessoal de

escravo. Eu achei aquilo ótimo, o sindicato um órgão que defende a gente, eu achei aquilo ótimo. Eu aprendi também a ser comunista porque eu achava que o comunismo era a libertação da classe operária (risos)”<sup>5</sup>.

A função do movimento de base nas fábricas ia além das reivindicações salariais, estendendo-se à participação política dentro dos movimentos comunitários presentes onde o operário residia. Essa política representa uma orientação do PCB que tenta conciliar seus planos na esfera política com as necessidades imediatas vindas da base do movimento operário.

A luta no movimento comunitário, no entanto, não fazia parte da orientação de todos os grupos políticos que atuavam junto à classe operária. Havia não apenas aqueles ligados ao PCB que estendiam a luta na fábrica ao movimento comunitário, mas também outros que mesmo fazendo parte de movimentos organizados, como os sindicatos, não articulavam a luta na comunidade.

Na década de 1970, o Jacarezinho já era uma grande favela. Na falta da presença do Estado, a associação de moradores fazia o papel deste, calçando e iluminando ruas. “Ao invés da prefeitura fazer, a gente era que fazia, o que era errado do ponto de vista político”<sup>6</sup>. Para os integrantes do PCB, a filosofia política entenderia como certo o fortalecimento do Estado para que este realizasse os melhoramentos dos quais a sociedade necessitava. Porém, as melhorias de que o Jacarezinho necessitava eram urgentes demais para se esperar uma transformação maior da sociedade.

### **Os “movimentos” operários no período de exceção**

Durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985) um dos setores mais afetados pela repressão foi o movimento operário. Mesmo tendo suas atividades cerceadas durante todo o período ditatorial, a luta operária manteve-se ainda que na clandestinidade. No caso do

Jacarezinho, os principais líderes se afastam da direção da associação de moradores e só retornam ao movimento social a partir de meados da década de 1970 com a abertura do regime.

Nesse contexto, diferentemente de outros grupos, o PCB opta por um enfrentamento não direto, tampouco armado, com a ditadura militar. A posição do partido é a de desenvolver as frentes políticas e democráticas e tentar organizar os operários contra o regime por meio da própria estrutura sindical, mesmo que essa estivesse controlada por forças políticas que serviam a ditadura.

“Nesse sentido, na prática sindical a orientação do partido deveria se dar, como em outros momentos, utilizando-se dos espaços legais, por dentro da estrutura sindical vigente, embora não restrito a eles”<sup>7</sup>.

Apesar dessa postura de não enfrentamento direto, o PCB não deixou de ser perseguido e ter a violência do regime posta sobre seus membros<sup>8</sup>. Como podemos perceber na fala abaixo, o medo foi companheiro do movimento operário.

“...nos tínhamos as comissões clandestinas quer dizer na GE também tinha as comissões clandestinas mais por ser um negócio que os trabalhadores tinham até medo naquele momento de se colocar e tinha até receio dos próprios diretores dos sindicatos tinha até receio de falar alguma coisa que ai todo mundo tinha aquele receio porque muitas vezes era entregue a direção e perdia o posto de trabalho”<sup>9</sup>.

As estratégias desenvolvidas pelo movimento sindical no bairro, como as citadas a cima, fazem parte de um histórico de lutas dessa comunidade. Movimento comunitário e movimento operário sempre trocaram experiências para enfrentar seus respectivos

problemas, sendo a história da comunidade valorizada por ambos os movimentos como base de suas lutas.

Na prática, verifica-se que a repressão sofrida pelo partido gerou uma memória traumática sobre o assunto. A perseguição pela participação política e sindical através do partido é destaque na memória dos trabalhadores. Em uma das entrevistas, feita com um ex-alfaiate, a participação no PCB não foi citada, marcada por um silêncio que revela o receio em tocar em um assunto que já gerou tanta perseguição. A entrevista foi marcada por trechos como: “Será que eu devo falar nisso?”<sup>10</sup>. A sigla PCB só foi pronunciada após o gravador ser desligado, demonstrando um claro receio em tocar na participação no partido. Esse silêncio, segundo Michael Pollak representa, na maioria das vezes, uma proteção a sua história de vida e não um “esquecimento”<sup>11</sup>.

A partir da década de 1980, a abertura do regime vai possibilitar a volta das atividades políticas antes limitadas pela ditadura. O ressurgimento dos trabalhadores na vida política nacional é caracterizado pelas greves que eclodiram no país e pelo surgimento de novas entidades que representariam os trabalhadores. Com o fim do bipartidarismo em 1979, uma série de partidos vai ser criada. No entanto, caberá ao Partido dos Trabalhadores (PT) o papel de destaque junto aos operários e ao movimento sindical na condução dos próximos passos nos anos de abertura do regime e na redemocratização do país. Surge nesse período um conjunto de práticas sindicais que receberia o nome de “novo sindicalismo”, dizendo-se capaz de romper com as práticas do sindicalismo que caracterizou os anos anteriores. As organizações intersindicais também vão ser criadas e consolidadas nesse período. A Central Única dos Trabalhadores (CUT) é criada 1986 e a Central Geral dos Trabalhadores (CGT) é fundada em 1986<sup>12</sup>. No Jacaré, nesse período, as greves também fizeram parte da vida do bairro. Eram diversas categorias que depois de anos de arrefecimento da luta saíam novamente para o confronto com o patronato.

Na década de 1990, o bairro vai ser marcado pelo fechamento de diversas indústrias e pelo conseqüente desemprego. Em face do afastamento do movimento comunitário e do próprio PCB, o processo de desemprego que assola o bairro parece não ser muito discutido por essas pessoas que tiveram neste processo uma intensa participação. Os resultados da pesquisa indicam que os ex-trabalhadores do complexo industrial do Jacaré, hoje em sua maioria desempregados ou sub-empregados, sofreram um imenso desgaste tanto no aspecto profissional quanto na sobrevivência individual e coletiva. Um dos fatos mais relevantes indicados pela pesquisa é o afastamento de uma grande parcela desses ex-operários da atividade política sindical. Um bairro antes citado pelas greves e manifestações dos operários tem sua participação no cenário sindical extirpada pelo falta da oferta de empregos. Os sindicatos e os partidos políticos, ao terem dificuldade para achar caminhos que permitissem a incorporação dessa massa de desempregados na sua estrutura, promoveram um inevitável afastamento dessas pessoas da atividade sindical.

Com a atividade comunitária também prejudicada por conta do crescimento do tráfico de drogas dentro da comunidade, poucas foram as continuidades na vida desses trabalhadores.

### **Considerações Finais**

Além de ex-operários e, em grande maioria, moradores, a identidade deste grupo é assegurada por elos de ligação com os movimentos político-partidários e com o movimento comunitário. Novas formas de inserção estão sendo buscadas por essas pessoas. Onde parecia não haver mais saída, outros caminhos foram sendo construídos.

O pertencimento ao bairro é o principal elo de ligação entre esses militantes que ainda hoje trabalham pela melhoria de seu espaço de moradia. Entretanto, o bairro sofreu também um imenso desgaste com o processo de empobrecimento e favelização. O que foi construído por uma geração que acreditava em transformações mais profundas na sociedade, hoje está

destruído, entre outros fatores, pelo crime organizado. Ao afastar as indústrias, o tráfico inibe não só as relações de produção no bairro, mas também desestrutura as relações de sociabilidade, tendo em vista que a violência é uma constante que faz do bairro um local pouco atrativo.

Através de suas próprias memórias conhecemos um pouco da história desses velhos comunistas que contribuíram para o desenvolvimento nacional, operários que fizeram mais que dar suas horas de trabalho na fábrica. Essas pessoas lutaram dentro e fora das fábricas, por melhores condições de vida, por um dia-a-dia mais justo, por uma melhor qualidade de moradia, pela educação de seus filhos, e tudo isso sistematizava a luta por uma sociedade mais justa, por um novo mundo. Esse mundo pode não ter chegado para essas pessoas, mas nem de longe sua história é de fracassos. Marginalizados pela história, esses ex-operários e suas realizações estão presentes, e são condição essencial, na construção de uma memória operária.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

<sup>2</sup> SAVAGE, Mike. “Classe e História do trabalho”. In: BATALHA, Cláudio H. M.; SILVIA, Fernando Teixeira da e FORTES, Alexandre (orgs). *Culturas de classe*. Campinas, São Paulo, Editora UNICAMP, 2004. p. 44.

<sup>3</sup> SANTANA, Marco Aurélio. “A queda do equilibrista: o PCB e os sindicatos no Brasil (1945-92)”. In: MAZZEO, Antonio Carlos e LAGOA, Maria Izabel. (orgs.). *Corações Vermelhos: Os comunistas brasileiros no século XX*. São Paulo, Cortez Editora, 2003. A citação se refere ao PCB.

<sup>4</sup> Entrevista concedida à autora em 20/01/03 – Joaquim.

<sup>5</sup> Entrevista concedida à autora em 20/01/03. “Lá” refere-se ao estado da Bahia, de onde o entrevistado é migrante – João.

<sup>6</sup> Entrevista concedida à autora em 20/01/03 – Joaquim.

<sup>7</sup> SANTANA, Marco Aurélio. *Homens Partidos: Comunistas e sindicatos no Brasil*. Rio de Janeiro, Boitempo Editorial, UNIRIO, 2001. p. 150.

<sup>8</sup> SANTANA, Marco Aurélio. “A queda do equilibrista: o PCB e os sindicatos no Brasil (1945-92).” In: MAZZEO, Antonio Carlos e LAGOA, Maria Isabel (Orgs). *Corações Vermelhos: Os comunistas brasileiros no século XX*. São Paulo, Cortez Editora, 2003.

<sup>9</sup> Entrevista concedida à autora em 09/05/03 – Pedro

<sup>10</sup> Entrevista concedida à autora em 20/01/03. Essa entrevista foi realizada com mais três companheiros do Partido Comunista, a pergunta citada acima é dirigida aos demais companheiros – José.

<sup>11</sup> POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. *Estudos Históricos*, n° 3, Rio de Janeiro, CPDOC, 1992.

<sup>12</sup> SANTANA, Marco Aurélio. “Trabalhadores em movimento: o sindicalismo brasileiro nos anos 1980-1990”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucia de Almeida Neves (orgs.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003. O Brasil Republicano V. 4.